



MOSTEIRO DE BELEM.

QUASI toda a frontaria do mosteiro voltada ao sul é da pedra calcarea rija [lizo], que se encontra abundantemente nas cercanias desta cidade, e até dentro de seu recinto, como se vê em Alcantara, Pampulha e Rocha do conde de Obidos. = Appresenta ella essa «côr sombria

2.<sup>a</sup> SERIE — VOL. I.

MARÇO 5 — 1842.

dos seculos» — essa fronte *tostada* [para empregarmos a expressão do elegante Sousa] de que Murphy com tanta rasão exalta a belleza no mosteiro da Batalha, no qual se vê — como neste de Belem e torre de S. Vicente (\*), visinha e contemporanea — certo tizado na côr tirante a vermelha, procedente da incrustação que toma a pedra, quando em contacto com o ar atmospherico.

De cinco partes distinctas se pôde reputar constante esta frontaria meridional; a saber: primeira: da caixa da capella mór, de architectura moderna: segunda, da do cruzeiro que se começa a vêr na estampa: terceira, do lanço mais nobre, e melhor lavrado, correspondente ás naves e torre: quarta, do vestibulo moderno ou excrescencia informe: quinta, da extensa habitação sobre arcaria, sustentada a curtos espaços por botaréus. — Cada uma será considerada em particular. —

A parte exterior da capella mór que a estampa de proposito não comprehende, mostra bem o que ella será por dentro. A simplicidade classica acompanha as paredes exteriores, cuja união com as do cruzeiro nem ao menos se fez bem. Não ha um gigante, não ha sequer um ornato que faça ao menos este pedaço condizer com o edificio. Uma balaustrada simples sustentada por meio de caxorros guarnece exteriormente o telhado, sobre o qual em correspondencia do presbiterio ficam dois cupulins, a modo de guaritas, aos quaes do interior se chega por escadas de caracol. — Toda esta obra foi sem duvida feita por Diogo de Torralva que em 1551, em que ella se acabou, era o architecto do convento. Nesta epocha foram para ahi trasladados os ossos de elrei D. Manuel e da rainha sua segunda esposa.

A caixa do cruzeiro, se bem que menos ornada do que a outra porção de que já nos vamos occupar, não desdiz do gosto da architectura. Superiormente é cercada de uma cimalha caxorrada, e a meia altura partida por uma faixa de arabescos, que continúa para os lados. Por cima desta se fez modernamente um rasgamento circular tapado até o meio, e nada em harmonia com o resto por falta d'ornatos. Este rasgamento não chega a ser um remendo, é um buraco.

O exterior das naves e torre é o pedaço da frontaria do edificio mais digno d'admiração, e muito especialmente o que diz respeito ao nobre e magestoso portal. Fica este entre dois soberbos botaréus, cuja fórmula desaparece com os labores e nichos, columnas e estatuas, de que são ornados. Apesar de que a arte e o es-

mêro de construcção empregado neste portal lhe dê o primeiro logar, comtudo não pôde ser a porta principal, por quanto esta era de uso ficar opposta ao altar mór que em todas as igrejas antigas se costumava situar ao nascente.

Dentro do espaço que comprehende um grande arco de volta inteira, todo bem cinzelado e com boas esculpturas de meio relevo [algumas das quaes parecem estar embutidas] se abrem dois vãos de volta mui achatada, tendo entre si um pilar acompanhado de columna, cujo capitel serve de peanha á estatua que representa effigiado o infante D. Henrique, em corpo inteiro, vestido de arnez, grevas, e de cotas d'armas. — Aos lados e no mesmo nivel veem-se em nichos os doze apóstolos, tambem de pedra e do mesmo tamanho. — Por cima do remate da guarnição exterior do arco maior acha-se uma grande imagem da Senhora dos Reis, cuja é a invocação desta igreja. Está á sombra de um magestoso baldaquim, que guarnece superiormente uma fresta ou janella que fica sobre a porta, com seu pequeno nicho habitado em cada hobreira. — Aos lados desta janella se veem outras doze estatuas de santos menores do que as debaixo, mas tambem como estas em nichos coroadas de baldaquins. — Na cimeira fica em igual correspondencia da balaustrada do telhado o archanjo S. Miguel.

Para os lados veem-se dois frestões ou janellas altissimas e com iguaes hobreiras de lavor entresachado, tendo a cada lado em meio relevo dois fustes como de *supporte*, findando em agulha. Segue-se na parede, e depois no fim do botaréu, um como retabulo ou caixilho alto e esguio que envolve duas frestas, das quaes a superior, pelo vão que não está tapado a pedra e cal, dá luz para o coro, e a inferior para a parte da igreja que fica por baixo deste. — Vem depois a torre do relógio, que como está devia servir de base a um corucheu, com dois frestões como os precedentes, dos quaes o debaixo dá luz para uma capella, e o de cima para a casa do relógio. Os dois angulos da torre rematam em pinaculos, por detraz dos quaes fica a grinalda de pedraria que guarnece toda a extensão das naves, tendo espaçados nove acroterios, dos quaes só dois estão arrematados; um delles — o segundo começando da torre — com uma esphera armillar. A posição da dita grinalda proxima ao cruzeiro é mais elevada, e tem em cima lizes, dessas chamadas métras por Fr. Luiz de Sousa, e que alguns inglezes denominam *flores de Tudor*. Pena é que se não acabasse ao menos o corucheu oitavado desta torre do sul, para o qual já estava de todo prompta a base octogonal, que provisoriamente se cubriu com um telha-

(\*) Sobre esta torre vej. o artigo que escrevemos, publicado no n.º 149 da 1.ª serie do Panorama.

do, que bem provisorio é ainda. Nas faces desta base, voltadas aos quatro pontos cardeaes, se deixaram ventanas onde estão os sinos da igreja, dois dos quaes servem para dar as horas e quartos do relógio da torre.

Segue-se o portico moderno que offerece um vestibulo para se chegar á entrada principal da igreja, e por isso começámos no seguinte artigo. Esta obra seria talvez feita pelos annos de 1699 em que a igreja soffreu muitos concertos, e não só se pôde chamar uma mascara de impropria côr posta na face da igreja, mas o peor foi que para bem poder servir feriram de todos os lados a mesma face, e procuraram curar as chagas com emplastos nojentos.

No artigo seguinte procuraremos tambem, reunindo estes elementos, construir de imaginação o que ahi se devia ter chegado a fazer.

Ao poente acaba todo o edificio no estreito e longo dormitorio. Foi este construido sobre uma abobada de vinte e tantos arcos, cujos pés direitos são reforçados por igual numero de gigantes ou botaréis que se encostam de uma e outra parte. Distam entre si tres braças, pouco mais ou menos, todos com suas gárgulas que, assim como tambem acontece no corpo da igreja, despejam dos algerozes dos telhados. Quem olha hoje para esta parte do edificio, toda cheia de remendos dealbados, não vê ao primeiro aspecto senão um cáhos: só depois descortinará mais bem concertadas proporções. Ao pé da igreja ficavam dois botaréis elevados, que deviam encubrir os degraus ou passadiço que por cima de uma especie d'arcobobante daria para o coro. — Frequentes são estes modos de communicar nos edificios de epocha anterior, como a Batalha pôde dar exemplos. — Estes dois grandes botaréis mencionados eram seguidos de quatro menores; vinham dahi outros dois grandes acompanhados de mais quatro menores, o que se repetia mais duas vezes — e no fim terminava ao poente o dormitorio alto, como ainda hoje se vê, e sustentado por cinco delles maiores. — Remata-vam estes em pinaculos mais elevados; os dos menores consistiam apenas em certas pyramides, tendo por unico ornato uma *nacella* em espiral com labores de meias laranjas em relevo. Entre todas estas pyramides corria d'ambas as bandas um peitoril de pedra de grilha-ge com a cruz de Christo, mostrando-se de quando em quando. — Nesta extensão se comprehendiam de cada lado trinta e seis, e nos espaços, entre cada dois botaréis dos grandes, havia janellas conventuaes, não do feitio mais moderno como as que hoje deitam para fóra,

porem de maineis (\*\*\*) como tres que ainda se conservam do lado da cêrca. — Os arcos da abobada inferior eram d'antes destapados, pois o fundador os destinára para servirem como de ostãos aos maritimos que não tivessem casas em terra. Os frades mandaram tapar para economisar espaço, sem se importarem com taes intenções, e menos ainda com a belleza do edificio. Nestes arcos esteve por algum tempo a alfandega depois do terremoto de 1755. A face do poente devia acabar de um modo singular. A abobada do tanque que é antiga, e a agua que chegou a ser ahi levada, parece que devia servir a uma especie de cascata de gosto original. — Dois golfinhos de marmore d'onde corre a agua lá estão: porem os frades aproveitaram o logar em roda para uma varanda de tomar fresco, feita como *orthostylo* de oito simples columnas de marmore branco, e guarnecida por uma balaustrada que abra-ge um espaço de pouco mais de nove braças quadradas. Esta varanda não se vê senão entrando pela cêrca.

Com quanto sejamos apaixonados das arvores, e bem as desejavamos vêr mais disseminadas neste paiz, e mesmo dentro das cidades e aldêas, muito principalmente as amoreiras, com tudo não approvâmos que fossem algumas plantadas em frente do edificio, por quanto em estas crescendo o poderão senão damnificar, pelo menos encubrir, obstando a que seja a sua apparencia gosada do mar. Lembra-nos porem que já talvez de proposito fossem plantadas para se esconderem certos remendos, sujeitos de branco, envergonhados de estarem tão patentes. — Ou pôde ser que para pelos seus intervallos apparecerem

« Quaes por entre devezas louçaãs nymphas »

as garridas janellas modernas em todos os tamanhos; e isto talvez por uma boa rasão: — a symetria nas janellas novas não ficava bem quando as antigas tambem della parecem ter fugido....

Facil nos fôra pedir a Victor Hugo algumas côres emprestadas para pintar quadros retocados de indignação, contra os concertadores modernos dos edificios antigos. — Porem baste-lhes o que já por este jornal tem ouvido. — Lembremos porem novamente a conveniencia do arbitrio de que alguma associação, de tantas que por ahi existem, tomasse principalmemte a peito, á maneira d'outra estatuida em Oxford,

(\*\*) *Mainel*. — E' necessario não tomar este vocabulo na significação em que é hoje mais usado, e que unicamente dão os dictionarios; mas sim no sentido que lhe dá a carta d'eirei D. Duarte, que vem no Tom. X. P. 1.<sup>a</sup> pag. 221 das *Memorias da Academia R. das Sciencias* do termo inglez antigo *moynel*, que lhe corresponde e se lê nas antiguidades de Westminster por Smith.

a conservação dos monumentos religiosos nacionaes, e que servisse de illustrar o governo para até dirigir em *gosto e amor d'antiquidade* a somma de uns poucos de contos de réis, que as camaras approvaram para a conservação dos monumentos nacionaes. (Continuar-se-ha.)

#### À REBECA.

OS INSTRUMENTOS musicos são echo da voz, assim como a voz o é da alma, e uma emanação da divindade. Quando os primeiros homens cantaram, fizeram uma cousa mui natural, pozeram em acção propriedades de sua organização, a fim d'exprimir sentimentos que os agitavam: quando inventaram instrumentos não fizeram mais que obedecer ás leis d'analogia, que os convidavam a modelar pelo seu modo d'existir effeitos semelhantes. Não ha duvida que tambem imitaram a natureza que os cercava; ouviram os sons para os aproveitar, e tomaram o gorgueio das aves, o murmurio das aguas, e os abafados suspiros das florestas. Mas, segundo todas as apparencias, o homem devia primeiro escutar-se a si, como ao mais nobre de todos os echos. Se é verdade que a invenção da flauta foi devida ao exemplo do vento assobiando pelos canaviaes, é certissimo que a primeira corda, pulsada sobre a caixa sonora de um instrumento, correspondeu por affinidade sympathica ao accento da voz.

A rebeca talvez que seja a lyra dos antigos, aperfeiçoada pelos modernos; fosse porem qual fosse a sua origem, a estima universal em que é tida abona a sua excellencia: a sua fórma simples, engenhosa e commoda, e o poder de seus effeitos musicas lhe deram o predominio nas orquestras. Não haverá revolução nestas em que a rebeca não tome a iniciativa, conservando-se accorde com todos os progressos que se realisarem: sustenta essencialmente o *discurso musical*, e se, para variar os effeitos, cede por instantes o imperio da harmonia aos instrumentos de vento, é para tornar a apparecer com toda a sua preeminencia e esplendor: foi a poderosa auxiliadora do genio terno e suave de Mozart e da fecunda e magestosa imaginação de Rossini. — A symphonia, criação de Haydn, tão diversamente desenvolvida por Mozart e Beethoven, emancipação instrumental tão decisiva e tão fertil, veio entregar a orchestra a suas proprias forças, e fazendo-lhe exprimir tudo, pondo, n'uma palavra, o *drama* em cada instrumento, veio tambem augmentar singularmente a importancia da rebeca. No tecido harmonico é ella como a trama forte e compacta, em que os instrumentos d'espaco a espaco prendem alguns fios d'ouro, semeam algumas flôres e borda-

dos; ou, para melhor dizer, ella fórma o alicerce constante em que todo o edificio se firma.

Sendo o fundamento essencial da orchestra, a natureza da rebeca a fez reinar nos concertos, onde é fiel companheira nos sublimes vôos do genio: a *sonata* e o *concerto* foram os novos circos, de cuja lide tem sahido victoriosa; campos em que ostenta a par do seu vigor a elasticidade prodigiosa de suas graças. A sonata, composição — modelo, creada em 1700 por Corelli, foi a primeira que fez brilhar um encanto da melodia, uma regularidade de composição, uma pureza de estylo, que d'antes se não conheciam: até então a rebeca se limitára a emitir sons inarticulados, mais ou menos esplendidos ou harmoniosos: Corelli a livrou d'algum modo das faxas da infancia; ensinou-a a fallar, e deu-lhe assim a faculdade, tanto de se fazer ouvir só, e com mais applauso, como de servir de principal interprete ás obras primas de harmonia instrumental. Os mestres successivamente até os nossos dias lhe tem confirmado o reinado.

Possuindo quatro oitavas e meia, mais de trinta e duas notas do grave ao agudo, a rebeca presta-se a todas as exigencias do canto e das mais variadas modulações: se lhe juntarem os rebecões, e os instrumentos analogos, membros da mesma familia, e que dão sons homogeneos em diapasons diferentes, poderá abranger toda a extensão da escala melodiosa, quasi seis oitavas: agil e flexivel, apta para dar muitos sons a um tempo, goza a vantagem de prolongar muito as vibrações. — Porem o que em verdade lhe assegura incontestavel preeminencia é o imperio que exercita sobre a alma, a que podêmos chamar a sua faculdade de expressão na ordem moral: — quando o impulso magico do arco faz obedecer as cordas ás inspirações do talento musico, copia os accents das paixões, move, excita, ou serena os affectos de quem escuta, como se os sons vibrassem repercutidos nas fibras do coração humano. E o segredo do poder deste instrumento reside em grande parte na sua analogia com a voz, tendo como ella as inflexões macias, que nos afagam, o accento penetrante e inexplicavel que nos arrebatam, e a faculdade de agitar as nossas intimas sensações. Em summa a rebeca luta com a voz, exprime toda a existencia da humanidade, isto é, tanto o riso, como o pranto, tanto os clamores alegres, como os dolorosos suspiros.

#### DA PROPRIEDADE INTELLECTUAL: — OBRAS LITTERARIAS; INVENÇÕES.

O ESTADO da *propriedade material* n'um povo indica o grau de sua civilização; se é selva-

gem, as terras [onde as cultivam] pertencem ao mais forte; se barbaro, bens e auctoridade são apanagio de alguns caudilhos; se mais ou menos civilizado, as leis determinam todos os direitos de cada um. Tal é a historia de todos os povos. — Mas, singular anomalia! se a propriedade material veio a ser objecto sagrado, e a lei a constituiu inviolavel — nunca a propriedade por excellencia, a do pensamento, da intelligencia, do talento gozou deste privilegio (\*). [Assim se exprimia em Fevereiro do anno passado Mr. Darnis, cujas idéas seguiremos]. — E porventura não será uma propriedade mui real um livro que ainda hontem não existia, e ao qual deram nascimento as vigílias, engenho e imaginação do auctor? — que das mãos do livreiro passa a transmittir aos que o lerem idéas e conhecimentos que não possuíam; ou que abre á sciencia ou á industria novos caminhos, que lhes revela riquezas incognitas, que lhes imprime movimento vigoroso e progressivo? — Não será esta uma propriedade tão real e consistente, como a de alguns lanços de parede, ou de algumas braças de terra? — Vai distancia immensa entre as *propriedades ordinarias*, de raiz ou moveis, e as *propriedades do pensamento*; entre as primeiras e seus detentores nada ha commum; não acontece assim entre uma pagina escripta e seu auctor: — aquellas são arvores, campos, que Deus creou para uso dos homens e que lhes deu para amanho; porem as segundas são obras feitas com o dia e a noite, com a alma e o coração, são parte do homem e a mais bella, a mais pura e a mais preciosa: porque, pois, não tem ellas as devidas seguranças, e direitos, privilegios de que gozam as propriedades materiaes? — E se aos auctores de escriptos assiste similhante jus, com quanta razão o não devem reclamar tambem os inventores? — Como não falta quem se queixe de privilegios concedidos por inventos, alcunhando-os de exclusivos, e de monopolio, convem explicar-mos esta materia.

Quaes são os homens, que no mundo effectuaram as maiores revoluções, as que tiveram sobre as condições da existencia da especie humana a mais poderosa e dilatada influencia? — Ao que parece, não foram os conquistadores nem os philosophos, porem sim os *inventores*. E a quem senão a estes devemos, por exemplo, o arado, o martello, as vasilhas, o moinho, o navio, a escala de proporção, o papel, a bússola, as armas de fogo, os pre-

los e caracteres de imprimir, e as machinas movidas por vapor; poderosos e admiraveis instrumentos, mediante os quaes os homens conseguiram passar da bruteza á civilização, da penuria á riqueza? — O povo mais adiantado na ordem social é o que tem tido mais inventores; pelo contrario o que teve menos.

Copiemos restrictamente as palavras de Mr. Darnis. — «Eis-aqui o papel dos inventores nos destinos do mundo: vejamos agora a sua sorte e qual é o caso que se faz de suas invenções. Jacquart põe são o trabalho da seda, acha meio de fazer mais e melhor que d'antes se fazia; e queimam-lhe os teares! Fulton inventa a navegação por vapor, e a Academia das Sciencias prova que a navegação por vapor é impossivel, e constringe o celebre engenheiro a ir levar a sua descoberta aos Estados-Unidos! O inventor dos teares de meias, o da illuminação por gaz, o do preparo e fiação do linho por meio de machinas, e outros muitos, que presentearam o mundo com bellos e grandes descobrimentos, nem foram mais felizes, nem d'outra maneira recompensados.

Mas contrapor-nos-hão: — como se hade distinguir nos milhares de invenções, que nascem quotidianamente, do mau o bom, das phantasias ôcas as uteis concepções. Sabemos não ser facil; mas as difficuldades não constituem impossivel a cousa; o não haver fórmula para resolver completamente o problema não é razão para que nada se faça, e se abandone aos lanços da fortuna uma das mais formosas e importantes divisões dos trabalhos do engenho humano. —

Discorre o A. sobre a lei franceza dos privilegios por inventos; e expõe deste modo as suas idéas. — Supponhamos que um homem, algumas vezes apoz um instante de reflexão e por uma inspiração de genio, as mais dellas porem depois de numerosas combinações, de sacrificios pesados, e penosas vigílias, se apresenta ao governo, e diz: «Achei o meio de multiplicar as forças da producção do paiz, descobri o segredo de augmentar os gôzos da humanidade, e de prover a suas precisões reaes e communs.» O governo responde: «Declarai-me o vosso invento, o vosso segredo, para que os ponha patentes a quem os quizer conhecer: e se quereis ser proprietario do vosso invento ou segredo, por 5, 10, ou 15 annos, dai-me 500, mil, ou 1:500 francos.» — Isto é; inventores, porque fizestes uma descoberta, que é vossa porque o pensamento pertence a quem o concebe, sois obrigados a pagar um direito enorme para terdes o titulo de proprietarios della: sois condemnados a pagar multa, por haverdes feito bem ao vosso paiz, por terdes

(\*) Entre nós no antigo regimen existiam privilegios litterarios; haja vista ao alvará de 22 de março de 1781 que a Academia das Sciencias imprimia á frente dos seus livros.

indagado, terdes achado talvez o modo de multiplicar grandemente a sua riqueza e poderio.

— Mas o governo reconhece e segura a propriedade do invento privilegiado. — Sim; com a condição de que o inventor descobrirá o falsificador, e pagará todas as custas das pesquisas e processo, tão consideraveis que frequentes vezes será quanto basta para deitar a perder o inventor de um methodo perfeito de trabalho. » —

Que é dever e justiça conceder iguaes direitos e privilegios aos escriptores originaes e aos inventores, é facil de provar; porquanto, que será preciso para idear, compor e tirar a publico um livro, ou opera, ou machina? — *Tempo, talento, dinheiro, e estudos preliminares.* — Ha identidade nos meios, por consequencia analogia nos resultados.

« Estabelecido isto, [diz Mr. Darnis no remate do seu discurso] não discutiremos se a propriedade dos litteratos e dos inventores deve durar quinze ou vinte annos; porque firmado o principio de taes propriedades é evidente que será mister fazer a pró dellas o mesmo que a pró das outras. — « Porque [perguntaram a Mr. de Lamartine] não estendeis a mais de 50 annos a propriedade litteraria? » — « Porque não ousou [respondeu] esperar mais justiça do meu tempo. Se eu fosse só legislador, requereria a perpetuidade. » — Mas como se fixarão essas propriedades? Com que condições se restringirão? . . . De certo que ha alguma difficuldade em fazer uma boa lei de propriedade intellectual, que seja conforme a direito restricto, e ás precisões e habitos actuaes da sociedade: porem haverá uma lei perfeita no nosso codigo? . . . Consagrem-se para já os principios; reconheça-se emfim por uma lei que a propriedade das obras litterarias e das invenções não differe de qualquer outra, submettam-nos ao regimen desta lei; e estejamos certos que o futuro nos descobrirá reformas que se lhe façam, e melhoramentos que se lhe introduzam. Não é deixando de fazer as cousas, ou empregando o que chamam meias-providencias, que se evitam os obstaculos e se faz o bem; mas sim, caminhando recto para a meta, e tomando por guia a verdade absoluta. »

#### O ENSINO PUBLICO.

EM o Jornal dos Conhecimentos uteis, publicado em Paris, N.º de janeiro de 1841, achamos, com o titulo acima, um artigo, que fielmente traduziremos, sem commentarios, nem applicações. —

« O que foi bom n'um tempo póde não sê-lo n'outro: caso em que está a Universidade, o ensino publico dado pela nação. Quando a Fran-

ça só carecia, na classe dos homens illustrados, de padres, de advogados, de medicos, podia a Universidade ser uma grande e bella instituição, porque parecia pôr todos os esforços em preparar homens para o estudo de Hypocrates, de Justiniano, e de S. Thomaz: mas hoje que não são as mesmas as necessidades da nação, que os auctores antigos não são os unicos depositarios dos conhecimentos uteis, que a maioria immensa não quer, nem deve apprender medicina, ou direito romano, ou theologia, porem quer, e deve apprender a sciencia da industria, a sciencia que dá aos povos os meios de augmentar indefinidamente suas riquezas e bem-estar, suas forças e preponderancia, não será uma desgraça ter o mesmo ensino publico que outrora, uma Universidade no 19.º seculo, como a que existia no seculo 9.º? — Para haver idéa desta infelicidade, vejamos os resultados da pertinacia da antiga Sorbonna, vejamos o que o paiz perde em conservar, em rebocar este avelhantado edificio feudal, em vez de o demolir e construir de novo sobre os entulhos. — Apenas as creanças estão na idade de apprender, na de começarem a preparar-se ás funcções a que a sua capacidade e os bens de seus pais parecem destina-los, acceleradamente as enviam ao collegio: chegando a este, em vez de acharem um ensino que esteja em harmonia com as precisões da sociedade, com o centro em que hão-de girar e viver, ensinam-lhes por oito annos, por dez annos, latim, grego, a sciencia do hexâmetro e do pentâmetro. Que acontece? — ao sahir das mãos dos seus eruditos professores, o maior numero dos rapazes [e o ensino deve ser adequado ao maior numero] sahe não dizemos capaz de fazer alguma cousa, mas incapaz de se entregar ás profissões mais numerosas da sociedade, áquellas para que a nação os devia preparar e quasi forçosamente. — Não é o saber pôr em regras dactylos e spondêus o que convem á nossa mocidade, mas o conhecimento das linguas franceza [*patria*], alemaã e ingleza, o conhecimento das sciencias moraes, economicas, chemicas, mathematicas e mechanicas. Não é a sciencia da arte só por amor da arte a de que precisa a nossa mocidade, mas sim da sciencia da riqueza do reino, da que ensina a extrahir das nossas faculdades intellectuaes tão amplas, do nosso territorio tão fertil, do nosso clima tão favoravel, toda a possivel vantagem, o melhor e maior partido para augmentar a nossa riqueza e o nosso poder. E a nossa Universidade (\*) nada

(\*) Não queremos suppor que o A. do artigo se dirija designadamente a uma corporação, mas ao systema geral do ensino por muitos corpos collectivos ou não, disseminados pelo reino e sob uma direcção central.

disto ensina, recusa ensinar os prologomenos destes conhecimentos hoje tão necessários, indispensaveis aos filhos de uma nação populosa. — E em vez dos homens de que o paiz carece, dos homens segundo a sociedade actual, não temos senão homens improprios para as profissões industriaes, desgostosos das sciencias applicadas, que desdenham a industria, e se acotovellam entulhando as secretarias das administrações publicas.

Indicar o mal é indicar o remedio: mas obteremos esse ensino, que nos é tão necessario, e cuja falta é uma calamidade nacional?... Não... a Universidade é hoje uma molestia chronica; e os povos difficilmente se curam destas enfermidades. — Mas com a Universidade, com o ensino publico excentrico ás precisões nacionaes, alguns meios ha, ainda que fracos, de atenuar o mal, e os recommendamos com toda a vehemencia aos amigos verdadeiros da industria e do poder nacional.

Estes meios fracos são os cursos de sciencias applicadas, nas principaes cidades de França. Em Ruão, Nantes, Metz, Clermont-Ferrand, &c. &c. engenheiros teem aberto cursos semelhantes; e posto que a maior parte da nossa gente dada á industria, por causa do vicio primario de sua educação, tenha pouca disposição para apprender, estes cursos publicos são todavia frequentados, e produzem excellentes effeitos. Exemplos são estes para se imitarem, e que devem ser recommendados aos conselhos municipaes, aos homens influentes nas diversas localidades, sobre tudo aos engenheiros, que mais do que ninguem conhecem a valia dos conhecimentos positivos.

Mas não serão bastantes a remediar o mal essas lições publicas? — Não por certo: e os pais de familia, que outr'ora perderam o seu tempo nos collegios, e que não quizerem condemnar seus filhos a perdê-lo como elles, podem ao nomear seus deputados *obter que se expliquem determinadamente* sobre este ponto importante da economia publica; e se forem *universitarios ou anti-industriaes*, dar-lhes um mandado imperativo. E não se creia que o ensino industrial em França venha a ser o que deve, antes destes encargos expressos, impostos aos eleitores; porque as camaras em suas ultimas sessões votaram a criação de muitas faculdades de sciencias *transcendentes*, e recusaram votar a criação de uma terceira *eschola de artes e officios*, como se bastassem o conservatorio da mesma denominação em Paris, e as duas escholas de Châlons e de Angers!

#### HYGIENE.

PLINIO o moço conta nas suas cartas que ten-

do ido visitar um enfermo seu amigo, homem desregrado habitualmente, destes que correm á redea solta em tempos de saude para todo o genero de desordem, e d'intemperança, o fôra encontrar tão rasoavel e sensato, quanto era estouvado e louco fôra do leito da doença. E então o sabio visitante fez a si mesmo esta pergunta: porque será que os homens são ordinariamente mais prudentes e sensatos no tempo da molestia do que no periodo da saude? Plinio, escrevendo esta observação, não quiz, ou não se atreveu a dar-lhe resposta e solução. Nós lh'a daremos, mal que nos custe discontentar muita gente. A razão é porque a maior parte dos homens só são rasoaveis quando não podem ser loucos. Pois será a loucura apania-gio natural do homem? Ou seria a natureza tão malefica que lhes desse propensões preponderantes para sua propria ruina e destruição? Nada disso. É que os homens, individuos dotados de razão, a não cultivam; e se a cultivam, é isso feito e obrado com tal desleixo que lhes dá mau fructo. Taes ha que tem feito grandes progressos nas sciencias, que se tem avantajado acima dos seus semelhantes n'um ou n'outro ramo dos conhecimentos humanos, e que jámais cuidaram de saber a mais importante de todas as sciencias na ordem phisica e social — a da sua conservação — de que depende tambem muitas vezes a conservação dos outros. Esta sciencia existe: muitos a seguem por instincto, a maior parte apenas saberá que ella existe, e são mui poucos os que a estudam, e a presam como ella merece. Chama-se hygiene, que na sua significação etymologica quer dizer = sarar. = Já um philosopho da antiguidade havia proposto como primeira maxima de sabedoria = entendimento são em corpo são. = E esta é ainda a mais bella saudação da chanesa sensata dos aldeões d'uma de nossas provincias, quando agradecendo um beneficio recebido o retribuem com a phrase = Deus lhe dê saude n'alma e no corpo. = Pois a hygiene, de que aqui proclamâmos a subida valia, é tão precisa e necessaria aos homens que ao mesmo passo que se occupa da conservação da saude corporea, contribue poderosamente para a sanidade do espirito. — A hygiene, disse um medico philosopho, ainda ha poucos mezes passados, é a sciencia de todo o mundo, e o preceito *nosce te ipsum*, conhece-te a ti proprio, posto em acção, tão util quanto simples e facil está ao alcance de todos.

Até agora tem andado circumscripção aos systemas de medicina de que em verdade é uma parte integrante e principal; mas uma sciencia que se occupa de conservar a saude, e de prevenir a enfermidade não póde, não deve ser

desconhecida dos entes dotados de razão, ao menos nas suas regras geraes, nos seus preceitos obvios a toda mediana comprehensão. Os legisladores antigos, começando pelo modelo de todos, Moysés, quasi não deixavam ao homem nem a occasião, nem o meio de pecar contra a sua saúde, e contra a de seus semelhantes, levado como pela mão, e cercado de preservativos e de defensas. Tudo o que lhe era nocivo era marcado com o sello d'abominação, e um castigo severo ahi estava sempre erguido para punir as transgressões. O christianismo, reconhecendo o livre arbitrio do homem, impoz-lhe a obrigação d'estudar-se e conhecer-se a si mesmo, a fim de dirigir-se pelo bom caminho; e as leis civis, reconhecendo-se impotentes para acompanharem os individuos nos variadissimos e minuciosos empregos da vida domestica e social, abandonaram tambem [com pequenas excepções] esta tarefa ao bom juizo e á reflexão.

E com effeito a hygiene s'emprega somente na observação dos factos, e estes os temos sempre, e a cada instante debaixo dos olhos: não é preciso mais do que prestar-lhes attenção, e concluir do pouco para o muito, do pequeno para o grande. Neste genero d'escriptos não cabe dar maior desenvolvimento a esta materia importantissima: mas aconselharemos aos patriotas e aos entendidos que se occupem deste grande serviço, que podem fazer ao seu paiz e á humanidade em geral, compondo uma cartilha, um pequeno cathecismo por meio do qual, em preceitos curtos e intelligiveis, ensinem a evitar o mal, e a seguir o bem; e se nas escholas publicas, e nas particulares se cuida com esmero d'ensinar aos meninos as *regras da civilidade e da politica*, com quanta mais razão se lhes deveria ensinar a arte da existencia, a sciencia da saúde? Por agora, e em quanto estes votos se não cumprem, terminaremos este artigo com o seguinte axioma, que os pais de familia, os mestres, os aios não devem cessar de recommendar a seus alumnos: =usai de tudo com sabedoria e moderação: e não procedaes no tempo da saúde de modo que desapproveis no tempo da molestia. =

#### NOVAS SOCIEDADES AGRICOLAS.

No decurso dos dois annos preteritos começaram a formar-se em Inglaterra muitas associações de cultivadores, que trazem terras de renda ou como de aforamento, tendo por objecto reunirem-se, uma vez por mez, findo o mercado, em local designado, para consagrarem algumas horas a discussões sobre assumptos agrarios: cada socio paga uma prestação destinada ao custeamento das necessarias despe-

zas, applicando-se as sobras á compra de livros de agricultura, que depois são alternativamente emprestados aos socios. — Em Gloucester, o presidente de uma sociedade destas, agricultor distincto, recitou uma oração em que procura fazer sobresahir as vantagens desta instituição, inculcando as seguintes condições.

Propor-se-ha em cada sessão um assumpto adequado á estação, para ser discutido na sessão seguinte. Se algum dos membros quizer sobre a dita materia escrever alguma nota, será lida; os membros que estiverem presentes farão as suas observações, que servirão para illustrar os de menos capacidade. — Cada socio estará ao alcance de explicar o modo de sua cultura, e de ouvir os methodos alheios, que por consequencia poderá comparar: aprenderá as vantagens e desproveitos dos novos systemas, inventos, ou utensilios, saberá se os deve usar ou não.

Far-se-ha registo de tudo o que for interessante d'entre o que for exposto n'assembléa; e imprimir-se-ha para se distribuirem aos seus membros os exemplares. — Será quasi impossivel que um homem, qualquer que seja a sua instrucção ou experiencia, assista a uma tal reunião sem colher uma noticia nova.

Se algum dos membros desejar obter elucidações sobre qualquer materia, poderá expor a questão ao presidente, que a transmittirá á assembléa para que delibere se hade ser proposta na sessão immediata.

Ninguem pagará mais de 960 r.<sup>s</sup> annualmente: porem os membros que quizerem dar por uma só vez 12:000 r.<sup>s</sup> ficarão membros vitalicios, e essa quantia será logo empregada na aquisição de obras sobre agricultura. — Já muitos socios voluntariamente tinham prometido certos livros ou certas quantias; de maneira que se esperava haver brevemente uma livraria agricola, pequena mas interessante.

É para sentir que quasi sempre ganhem os premios os lavradores ricos ou bem remediados, que, fazendo boa cultura, não carecem de taes incentivos, ao passo que os rendeiros de pequeno trafego, a quem esses estimulos aproveitariam, não os alcançam por causa das suas circumstancias. Poderiam crear-se duas classes de premios — para os abastados — e para os que o não são.

Todos comumente se queixam das poucas noticias que nos deixaram nossos antepassados: se destruimos o que se acha esculpido em marmores e metaes, como queremos que permaneçam papeis e pergaminhos?... — *O Marquez d'Abrantes, D. Rodrigo Annes de Sá e Almeida.*